9º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies – Mentes midiatizadas





Os Povos do Mar na Odisseia de Christopher Nolan: apropriações da historiografia e interpretações do tempo presente

Brunna Fernanda Freire Bezerra da Cruz
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil
Contato: brunna.freire@ufpe.br

Victor Henrique da Silva Menezes
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil
Contato: henrique.menezes92@gmail.com

Problema, objetivo e hipótese

Problema

Por que a adaptação de Christopher Nolan incorpora os “Povos do Mar”, expressão ausente do poema homérico? Que sentidos históricos essa escolha produz?

Objetivo

Analisar as menções aos Povos do Mar em diálogo com a tradição homérica, a historiografia sobre o Bronze Tardio e os estudos acerca das relações entre cinema e História.

Hipótese

O filme transforma a categoria em instrumento narrativo de alteridade: primeiro estabelece o “outro” ameaçador e depois dissolve a separação entre invasores e aqueus.

Como ler um filme histórico?

01 Documento de seu presente

Marc Ferro (1992): o cinema testemunha o contexto social e cultural de sua produção, inclusive além das intenções dos realizadores.

02 Interpretação do passado

Hayden White (1988) e Robert Rosenstone (2010): a linguagem audiovisual seleciona, condensa e simboliza acontecimentos; não reproduz o passado de maneira neutra ou objetiva.

03 Dupla operação

Napolitano (2008): investigar o cinema na história e a história no cinema. Importa compreender *como e por que* o passado é encenado, não apenas medir “fidelidade”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antiguidade na tela: passado e presente

Uma tradição de imagens

O cinema contribuiu para difundir a Grécia e Roma como supostas origens privilegiadas da “civilização ocidental” (Cyrino, 2005; Lapeña Marchena, 2004).

Uma representação seletiva

Gregos e romanos são frequentemente aproximados do espectador moderno; outros povos podem aparecer como exóticos, estranhos ou ameaçadores.

Pergunta metodológica

Que preocupações atuais sobre fronteiras, estrangeiros, crise política e violência são projetadas na Antiguidade de Nolan?

O que são os “Povos do Mar”?

Não é um nome antigo coletivo

Expressão criada na historiografia moderna, associada a Emmanuel de Rougé e difundida por Gaston Maspero. Reúne diferentes etnônimos documentados em fontes antigas.

Grupos e contextos distintos

Sherden, lukka, eqwesh, teresh, shekelesh, peleset, tjekker, denyen e weshesh aparecem em períodos e relações políticas diversos.

Uma ressalva essencial

As fontes não os apresentam sempre como invasores: alguns grupos atuaram como aliados, mercenários ou integrantes de forças de diferentes poderes.

DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Da invasão única à crise multifatorial

1

Narrativa tradicional

Leituras literais de Medinet Habu e dos relatos de Ramsés III ajudaram a consolidar a imagem de uma coalizão invasora responsável pela destruição do Mediterrâneo Oriental.

2

Problemas de interpretação

Etnônimos não correspondem automaticamente a culturas materiais; destruições não foram simultâneas; objetos de estilo egeu não provam, por si, identidade étnica.

3

Revisões recentes

Jung (2017), Matić e Franković (2020), Cline (2023) e Cruz (2025) enfatizam mobilidade, interações, transformações regionais e limites das explicações baseadas em um agente externo único.

CONTEXTO HISTÓRICO

O colapso do Bronze Tardio não foi uniforme

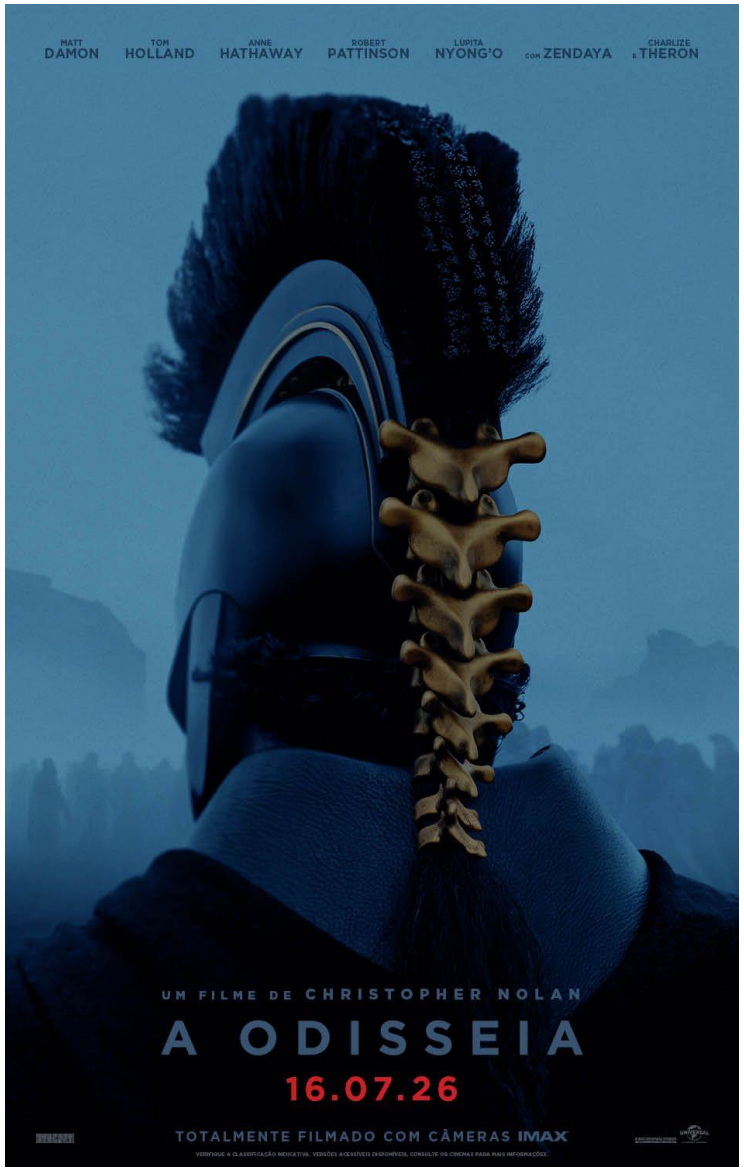
Séculos XIII–XII AEC

Destruições, abandonos, mudanças nas redes de intercâmbio e reconfigurações de poderes no Mediterrâneo Oriental ocorreram em ritmos diferentes.

Caso micênico

Whittaker (2017) problematiza a simultaneidade das destruições; Middleton ressalta o fim de estruturas palacianas, sem equipará-lo ao desaparecimento integral da sociedade.

O “POVOS DO MAR” NA *ODISSEIA* (Dir. Christopher Nolan, 2026)



Primeiro movimento

Rumores de invasores vindos do mar produzem insegurança, legitimam preparação militar e pressionam a sucessão política.

Segundo movimento

As ações dos navegadores gregos se parecem com as violências atribuídas ao inimigo exterior.

Terceiro movimento

Odisseu aceita a identificação com os Povos do Mar; a fronteira entre “nós” e “eles” se torna instável.

00:10:45–00:11:18

Cena 1 · Penélope e Telêmaco em Ítaca

01 O que acontece

Penélope explica que os anciãos exigem um rei capaz de defender Ítaca dos “povos que vêm do mar”. Telêmaco questiona rumores de viajantes; ninguém sabe ao certo quem são.

02 O que a cena revela

O inimigo não aparece, mas o medo afeta a sucessão e a mobilização militar. A conversa expõe também a erosão interna: pretendentes violam a hospitalidade e consomem os recursos do palácio.

03 Interpretação

Eco: o inimigo ajuda a delimitar o “nós”. A ameaça exterior encobre uma crise já instalada nas normas que sustentam a própria comunidade: a xenia.

00:25:13–00:28:05

Cena 2 · A aldeia saqueada pelos gregos

O que acontece

Após deixar Troia, Odisseu planeja paradas para obter provisões. Uma aldeia aparece incendiada; os habitantes confundem seus homens com os Povos do Mar. O personagem Eurílоco insiste: “Somos gregos, de Ítaca”.

Contradição central

Para os gregos, identidade e prestígio distinguem heróis de saqueadores. Para a comunidade atacada, ambos chegam pelo mar, armados, e retiram recursos mediante violência.

Diálogo historiográfico

A Odisseia já associa navegadores à possibilidade de pirataria (III, 71–74). Emanuel (2017) e Hitchcock & Maeir (2018) discutem mobilidade, incursões e fronteiras fluidas entre comércio, guerra e saque.

01:35:41

Cena 3 · Menelau e Telêmaco em Esparta

O que acontece

Menelau diz que os ataques estão “cada vez mais próximos”. Esparta estaria preparada; Ítaca, sem rei, não conseguiria organizar uma defesa eficaz.

O mecanismo narrativo

O rumor adquire uma geografia de aproximação. Mesmo sem prova direta do inimigo, a expectativa do ataque legitima militarização e concentração da autoridade.

Interpretação

Cohen (2011): pânico moral transforma grupos em condensadores de ansiedades sociais.
Whittaker (2017): fortificações indicam preocupação defensiva, mas não identificam automaticamente o agente do perigo.

02:06:30–02:06:39

Cena 4 · A “era das trevas” anunciada

1

O que acontece

Telêmaco retorna de Esparta falando em “catástrofe iminente” e numa “era das trevas trazida pelos Povos do Mar”. Penélope conclui que sua civilização está entrando em colapso.

2

Mudança de escala

A ameaça deixa de ser apenas militar: o invasor desconhecido passa a simbolizar o fim de uma época e a dissolução de uma ordem social inteira.

3

Leitura crítica

A fala recupera a narrativa tradicional de uma civilização destruída subitamente por estrangeiros, embora a historiografia recente descreva processos regionais, internos e multifatoriais.

02:24:24

Cena 5 · Penélope interroga o mendigo (Odisseu)

O que acontece

Disfarçado, Odisseu rememora o cavalo de Troia, o saque da cidade e a transformação de um aparente presente de paz em instrumento de destruição. Penélope pergunta se ele é dos Povos do Mar; ele responde que sim.

A reversão

O que Euríloco negava agora é admitido: os aqueus também chegaram pelo mar, sitiaram cidades, saquearam populações e violaram normas de reciprocidade.

FLASHBACK LIGADO À REVELAÇÃO FINAL

Cena 6 · O saque de Troia revisitado

O que a imagem acrescenta

Odisseu relembra a violência da conquista e contempla a cabeça decepada de uma estátua de Atena. O filme associa vitória militar à profanação de princípios sagrados.

Hospitalidade e violência

O cavalo de Troia, apresentado como oferta pacífica, converte a confiança e a hospitalidade em armas. Os defensores da "civilização" transgridem seus próprios fundamentos.

Efeito interpretativo

A justaposição do flashback com a resposta a Penélope faz o inimigo exterior funcionar como espelho moral dos próprios conquistadores.

02:42:36 · SEQUÊNCIA FINAL

Epílogo · A civilização “vai ressurgir”

01 O que acontece

Ao partir rumo ao Ocidente, Penélope prevê que “a civilização vai ressurgir”. A referência a histórias futuramente cantadas remete à transmissão oral da memória daquele mundo.

02 Sentido histórico produzido

O filme vincula a viagem de Odisseu à passagem entre o Bronze Tardio e uma nova ordem, preservando a expectativa de ruptura mesmo após problematizar o invasor externo.

03 Tensão não resolvida

A desconstrução do inimigo convive com a ideia de declínio civilizacional: o medo do colapso permanece organizando a narrativa.

SÍNTESE ANALÍTICA

Três conceitos interpretativos

Construção do inimigo · Eco (2011)

Atribuir uma identidade ameaçadora ao estrangeiro reforça fronteiras simbólicas e permite definir uma comunidade por oposição.

Pânico moral · Cohen (2011)

Rumores e imagens de invasão concentram medos difusos: crise política, violência, circulação de estrangeiros e insegurança.

Estranho e desordem · Bauman (2017)

O estrangeiro pode tornar-se personificação de transformações sociais cujas causas também pertencem ao interior da comunidade.

O filme dialoga com questões da sociedade estadunidense do século XXI

Discursos sobre crise

O imaginário de uma “civilização ocidental” ameaçada é associado a insegurança, perda de autoridade e receio do desaparecimento de uma ordem social.

A figura do estrangeiro

Narrativas contemporâneas podem representar migrantes e refugiados como ondas, invasores ou agentes de desagregação, aproximando-se da retórica do perigo vindo do mar.

Considerações finais

1

Resultado principal

Os Povos do Mar não funcionam como população historicamente identificável, mas como categoria narrativa de alteridade, medo e responsabilidade.

2

O deslocamento decisivo

A história começa culpando o exterior e termina confrontando os gregos com sua própria violência. O colapso deixa de ter um culpado único e externo.

3

Pergunta que permanece

“Quem são os Povos do Mar?” Depende de quem observa a embarcação que se aproxima – e de reconhecer que ela pode ser a nossa.

Referências bibliográficas

Adams, M. J., & Cohen, M. E. (2013). The “Sea Peoples” in primary sources. In A. E. Killebrew & G. Lehmann (Eds.), *The Philistines and other “Sea Peoples” in text and archaeology* (pp. 645–664). Society of Biblical Literature.

Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Zahar.

Ben-Dor Evian, S. (2014). *Egypt and Philistia in the Early Iron Age: The textual record and the archaeological remains* [Doctoral dissertation, Tel Aviv University].

Chevitarese, A. L. (2013). *Jesus no cinema: Um balanço histórico e cinematográfico entre 1905 e 1927* (Vol. 1). Kline.

Cifola, B. (1988). Ramses III and the Sea Peoples: A structural analysis of the Medinet Habu inscriptions. *Orientalia, Nova Series, 57*(3), 275–306.

Cline, E. H. (2023). *1177 a.C.: O ano em que a civilização entrou em colapso*. Avis Rara.

Cline, E. H., & O’Connor, D. (2003). The mystery of the “Sea Peoples”. In D. O’Connor & S. Quirke (Eds.), *Mysterious lands* (pp. 107–138). UCL Press.

Cohen, S. (2011). *Folk devils and moral panics: The creation of the Mods and Rockers* (3rd ed., Routledge Classics). Routledge.

Cruz, B. F. F. B. da. (2025). *O enigma dos Povos do Mar: Questões étnicas em sociedades mediterrânicas da Idade do Bronze Tardia (sécs. XIII–XII AEC)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco].

Cyrino, M. S. (2005). *Big screen Rome*. Blackwell.

Ebiri, B. (2026, July 7). Christopher Nolan explains the key to The Odyssey's ending. *Vulture*. https://www.vulture.com/article/christopher-nolan-explains-the-key-to-the-odysseys-ending.html

Eco, U. (2011). *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais* (E. Brandão, Trad.). Record.

Emanuel, J. P. (2017). *Black ships and sea raiders: The Late Bronze and Early Iron Age context of Odysseus’ second Cretan lie*. Lexington Books.

Ferro, M. (1975). *Analyse de film, analyse de sociétés: Une source nouvelle pour l'histoire*. Hachette.

Ferro, M. (1992). *Cinema e história* (F. Nascimento, Trad.). Paz e Terra.

Funari, P. P. A. (2015). A imaginação da Antiguidade pelo cinema. In C. U. Carlan, P. P. A. Funari, & R. S. Funari (Orgs.), *Cinema e o mundo antigo: A Antiguidade através da sétima arte* (pp. 1–3). Novas Edições Acadêmicas.

Funari, R. S. (2012). *O príncipe do Egito: Um filme e suas leituras na sala de aula*. Annablume.

García Bargueño, J., García García, J., Martín García, J. M., & Ramírez Valiente, P. (2013). Los Pueblos del Mar a través de las tendencias historiográficas. *Ab Initio, 8*, 3–43.

Hitchcock, L. A., & Maeir, A. M. (2018). Pirates of the Crete-Aegean: Migration, mobility, and post-palatial realities at the end of the Bronze Age. *Proceedings of the 12th International Congress of Cretan Studies*.

Homero. (2023). *Odisseia* (F. Lourenço, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada ca. 700 AEC)

Huyssen, A. (2000). Passados presentes: Mídia, política, amnésia. In *Seduzidos pela memória* (pp. 9–40). Aeroplano.

Jones, S. (1997). *The archaeology of ethnicity: Constructing identities in the past and present*. Routledge.

Joshel, S. R., Malamud, M., & Wyke, M. (Orgs.). (2001). *Imperial projections: Ancient Rome in modern popular culture*. Johns Hopkins University Press.

Jung, R. (2017). The Sea Peoples after three millennia: Possibilities and limitations of historical reconstruction. In P. M. Fischer & T. Bürge (Eds.), *"Sea Peoples" up-to-date: New research on transformations in the Eastern Mediterranean in the 13th–11th centuries BCE* (pp. 23–42). Austrian Academy of Sciences Press.

Kornis, M. A. (2008). *Cinema, televisão e história*. Zahar.

Lapeña Marchena, Ó. (2004). Hacia un pasado común: El cine y la uniformización de la Antigüedad clásica. Apuntes para su estudio. *Methodos: Revista Electrónica de Didáctica del Latín*, 1–15.

Matessi, A. (2025). The Aegean–Anatolian interface: Overview of the Late Bronze and Iron Age evidence (ca. 1400–700 BCE). In F. Giusfredi, A. Matessi, S. Merlin, & V. Pisaniello (Eds.), *Contacts of languages and peoples in the Hittite and post-Hittite world: Vol. 2. The 1st millennium and the Eastern Mediterranean interface* (pp. 213–245). Brill.

Matić, U., & Franković, F. (2020). The Sea Peoples and the discourse of "Balkanism" in Late Bronze Age archaeology. In M. Gavranović, D. Heilmann, A. Kapuran, & M. Verčík (Eds.), *Spheres of interaction: Contacts and relationships between the Balkans and adjacent regions in the Late Bronze/Iron Age (13th–5th centuries BCE)*. (pp. 157-164). Verlag Marie Leidorf.

Mazow, L. (2006–2007). The industrious Sea Peoples: The evidence of Aegean-style textile production in Cyprus and the Southern Levant. *Scripta Mediterranea, 27–28*, 291–321.

Middleton, G. D. (2020). Introducing collapse. In G. D. Middleton (Ed.), *Collapse and transformation: The later Bronze Age to Early Iron Age in the Aegean*. (pp. 9-22). Oxbow Books.

Napolitano, M. (2008). A História depois do papel. In C. B. Pinsky (Org.), *Fontes históricas* (2. ed., pp. 235–289). Contexto.

Nolan, C. (Director). (2026). *The Odyssey* [Film]. Universal Pictures.

Rosenstone, R. A. (2010). *A história nos filmes, os filmes na história* (M. Lino, Trad.). Paz e Terra.

Turan, K. (2026, July 7). The intimate odyssey of Christopher Nolan's latest epic: "I've been telling this story in all my films." *Los Angeles Times*. https://www.latimes.com/entertainment-arts/movies/story/2026-07-07/christopher-nolan-explains-how-he-made-the-odyssey-interview

White, H. (1988). Historiography and historiophoty. *The American Historical Review*, *93*(5), 1193–1199.

Whittaker, H. (2017). The Sea Peoples and the collapse of Mycenaean palatial rule. In P. M. Fischer & T. Bürge (Eds.), *"Sea Peoples" up-to-date: New research on transformations in the Eastern Mediterranean in the 13th–11th centuries BCE*. (pp. 75-81) Austrian Academy of Sciences Press.